

INTERTEXTUALIDADE IMAGÉTICA EM *STRANGER THINGS* E *E.T. – O EXTRATERRESTRE*

MAGING INTERTEXTUALITY *IN STRANGER THINGS* *AND E.T. - THE EXTRATERRESTRIAL*

Vanessa Raquel da Costa Furtado
Geysa Dielle Rodrigues Vieira
SEMEC-PMT

Resumo: A intertextualidade enquanto a retomada de textos efetivamente produzidos, que estabelecem entre si algum tipo de relação, é um tema relevante dentro dos estudos da Linguística do Texto, sobretudo se considerarmos os textos como produtos de uma relação entre elementos verbais e visuais no processo de significação. Para este estudo, buscamos analisar still frames de cenas da série *Stranger Things* (2016) e do filme *E.T. – O Extraterrestre* (1982) que estabelecem relações intertextuais. Analisaremos tais afinidades entre esses textos verbo-visuais aprofundando a discussão sobre a intertextualidade dada no campo do visual. Para tanto, partimos da concepção sociocognitiva de texto assumida pela Linguística de Texto em sua agenda atual, que aliada à noção de multimodalidade, dá ao texto amplitude, pois considera aspectos visuais e contextuais para a construção de sentido. Nossas análises são norteadas por Cavalcante e Custódio Filho (2010), Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), Kress e van Leeuwen (2001, 2006), e, principalmente, Mozdzenski (2009), que apresenta uma proposta de análise da intertextualidade entre textos multissemióticos, o conceito de intertextualidade imagética/intericonicidade.

Palavras-chave: Intertextualidade. Still frame. Intericonicidade.

Abstract: The intertextuality as a resume of texts effectively produced, that establish between themselves some kind of relation, is a relevant theme within the studies of Text Linguistics, especially if we consider the texts as products of a relation among verbal and visual elements in the signification process. To this study, we sought to analyze the still frames of scenes from the series 'Stranger Things' (2016) and the movie 'E.T. - The Extraterrestrial' (1982) that establish intertextual relations. We will analyze such affinities between these verbal-visual texts deepening the discussion about intertextuality in the visual field. To do so, we started from the social cognitive conception of the text that the Text Linguistics takes on in its current agenda, that allied to the notion of multimodality, gives the text amplitude, because it considers visual and contextual aspects to build meaning. Our analyses are guided by Cavalcante and Custódio Filho (2010), Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), Kress e van Leeuwen (2001,2006), and, mainly, Mozdzenski (2009), who presents an analysis proposal of intertextuality between multisemiotic texts, the concept of imagetic intertextuality /intericonicity.

Keywords: Intertextuality. Still frame. Intericonicity.

INTRODUÇÃO

Em sua atual agenda, a Linguística de Texto (LT) está empenhada em investigar seu objeto de estudo como atividade tanto linguística quanto cognitiva e social, ultrapassando o cotexto para chegar à construção do texto e de seus sentidos. Este ramo da linguística segue, portanto, uma tendência sociocognitivista, fundamentada no fato de os processos cognitivos acontecerem não somente nos indivíduos, mas na sociedade (KOCH, 2004).

A Linguística também manteve estreitas relações com as correntes que seguem uma tendência de estudos mais voltada para os aspectos sociais que envolvem a linguagem e com elas manteve estreita relação, apesar de ser fato que elas pouco se ocupam com a análise de aspectos cognitivos e de que havia um confronto de ideias do grupo cognitivista com o grupo que vê a relação entre linguagem e sociedade.

Dessa aproximação nas ideias dos grupos cognitivistas e de estudos sociais mudaram-se as visões acerca da língua e conseqüentemente acerca do objeto textual. Até que a LT tivesse a concepção de texto a qual conhecemos hoje foram muitas as fases. O fato é que, desde o início destes estudos, o texto sofreu modificações conceituais importantes até se instituir solidificadamente. Agora, visto sob a perspectiva dos estudos sociocognitivistas, o texto não é um construto estritamente linguístico, mas uma conjugação de aspectos cognitivos e sociais vários, incluindo outras formas de “semiotizar” o mundo, múltiplos meios.

Visto que os textos estão incorporando novos meios para produzir sentidos, chegaria um momento em que desconsiderar outros meios semióticos os quais extrapolam a língua seria ignorar que o aparato exclusivamente verbal pode não ser suficiente para dar conta dos variados significados construídos a partir da integração do texto verbal com o texto não verbal. Os textos multimodais são uma realidade e não podemos simplesmente ignorá-los. Por isso, a LT acaba por ter que teorizar sobre a constituição de textos dessa natureza. Apesar dos muitos avanços ainda há um não declarado verbocentrismo nas análises linguísticas que as análises se encarregam de tornar explícito (CUSTÓDIO FILHO, 2011).

Os signos visuais produzem sentido quando articulados entre si e com o material verbal. As relações entre palavras e imagens (ou cores, sons, movimentos) – como no caso do nosso objeto de análise neste trabalho – ampliam os sentidos e essa combinação de fatores leva aos propósitos comunicativos do enunciador. Obviamente não é este o único responsável pelo processo de produção de sentidos, dividindo a tarefa com o leitor e a situação enunciativa.

Para a análise ocorrer efetivamente é necessário atribuímos um olhar diferenciado a esses textos verbovisuais e/ou visuais (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010). O

diferencial dessa nova maneira de considerar o texto é que, segundo Cavalcante e Custódio Filho (2010), não dá para colocar em instâncias distintas a ação social e a ação cognitiva de que o texto é resultado. Os autores destacam que dentre as próximas tendências no estudo do texto está a de analisar a multimodalidade, destacando como o visual (não verbal) pode esclarecer fenômenos antes considerados somente explicáveis pelo linguístico. O que acontece é que nesta tendência a produção de sentidos no texto é resultado de uma inter-relação entre as linguagens. Cavalcante e Custódio Filho (2010) destacam a inclusão de outras semioses no texto, dando ênfase ao não verbal, ou seja, a imagem como possibilidade de ampliar a comunicação a ser estabelecida pelos textos.

Acreditamos que a imagem cumpre papel significativo na construção do texto não apenas como elemento constituinte, mas como elemento expressivo. Custódio Filho (2011) destaca que a multimodalidade não é um fenômeno recente; todavia é recente o interesse da LT por ele, pois semioses as quais compunham o texto não apresentavam o caráter apresentado hoje: a imagem (ou som, movimento, cor etc.) não é acessório dentro do texto, e sim constituinte do todo textual. O autor vai além neste pensamento e considera que

uma imagem pode fazer parte do processamento referencial, em junção com o conteúdo linguístico do texto. Isso indica que Kress & van Leeuwen (2006) têm razão quando investem numa abordagem que explique as características dos modos de comunicação, em detrimento de uma abordagem que ou focalize a linguagem verbal como o modo de comunicação ou trate a imagem em termos de representação da realidade. Na verdade, há aspectos dos fenômenos textual-discursivos que são mais — universais, os quais não podem ser suficientemente explicados por uma suposta exclusividade da linguagem verbal. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 98)

A fala de Custódio Filho nesse excerto é uma questão fundamental ao que pretendemos analisar neste trabalho: os stills frames¹ de cenas da série *Stranger Things* e do filme *E.T – O Extraterrestre*.

Mas essas análises ainda se nos apresentam problemáticas, visto que a LT tem ainda buscado se dotar de instrumentos analíticos que expliquem os signos visuais.

Nos estudos que se propõem a produzir leituras de imagem, percebe-se que há uma gama de signos a serem observados (...). O desafio específico da Linguística Textual é construir uma resposta teórico-metodológica própria sobre o assunto, assumindo os elementos não verbais como fundamentais e inescapavelmente constitutivos de textos de várias esferas sociais e comunicativas. (BENTES, ALVES FILHO E RAMOS, 2010, p. 402).

¹ *Still frame* é um termo em inglês para designar uma imagem estática de um produto audiovisual. Utilizaremos ao longo do trabalho apenas *still*, a fim de que não se confunda à ideia de frame que se costuma utilizar na Linguística de Texto como uma estrutura cognitiva internalizada. Foi utilizado por Mozdzenski (2013) nas análises das imagens apresentadas.

Na busca por essa resposta teórico-metodológica de que falam os autores, a LT vem bebendo na fonte da Semiótica Social, onde os signos são situados socialmente e, por isso, são dinâmicos, corroborando com a perspectiva sociocognitivista de estudo do texto. Segundo o que propõem Kress e van Leeuwen, autores da Gramática do Design Visual,

O sentido do texto visual surgiria a partir da articulação entre os diferentes elementos ali representados, expresso por estruturas narrativas (com o estabelecimento de relações entre as imagens, de modo a criar estados de ação) e/ou por estruturas conceituais (a preocupação com outros aspectos, tais como a disposição hierárquica das imagens ou ângulo de visão adotado) (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006, p. 401).

A partir dessas reflexões, é clara a longa jornada a ser percorrida pela LT nos estudos dos textos multimodais e verbo-visuais, incluindo a sistematização de categorias de análise do visual enquanto parte inerente a esses textos.

1. INTERTEXTUALIDADE IMAGÉTICA

No âmbito da Linguística de Texto, a intertextualidade, inicialmente, foi estudada como um dos sete critérios, propostos por Beaugrande e Dressler (1981), para a existência da textualidade, ou seja, um dos fatores que determinam que uma sequência de enunciados seja um texto. Contudo, atualmente, esse fenômeno é visto numa dimensão muito mais ampla. Entendida como um mecanismo que integra e compõe a construção de sentido geral do texto e que ocorre quando, em um texto, há a presença efetiva de outro texto, estabelecendo entre si algum tipo de relação, a intertextualidade tem sido objeto de estudo da Linguística Textual, da Análise do Discurso, da Linguística Antropológica e da Teoria Literária.

Enquanto conceito proposto pela crítica literária, a intertextualidade foi primeiro estudada por Bakhtin ([1981] 2010), ainda que o autor não utilize de forma alguma os termos intertextualidade ou intertexto. No entanto, o teórico traz a ideia de diálogo, o texto seria o lugar que outros enunciados já existentes se unem para a construção de um novo texto. Ao defender essa noção, poder-se-ia dizer que tudo se tornaria intertextual, mas o propósito do autor era mais específico: trabalhar o caráter dialógico dos enunciados, identificando os elementos do discurso de outro que o texto possa apresentar.

Com base nessas concepções bakhtinianas, Kristeva (1974) introduz o termo *intertextualidade* e desenvolve esse conceito na perspectiva da Teoria Literária. A autora destaca que ao se estudar a palavra é preciso considerar que ela é formada por três elementos em diálogo: o sujeito da escritura, o destinatário e os textos exteriores. Assim, a palavra se define por

dimensão *horizontal*: pertence ao mesmo tempo ao sujeito e ao destinatário; e *vertical*: orienta-se por textos anteriores.

Segundo Mozdzenski (2009), no que diz respeito às relações intertextuais, as tipologias postuladas apresentam classificações estanques, além de boa parte dessas propostas também recorrer a categorias dicotômicas (intertextualidade das semelhanças x das diferenças; intertextualidade implícita x explícita; captação x subversão e assim por diante) para explicar o fenômeno. Para o autor, em nossas práticas comunicativas cotidianas não percebemos os textos como se estivessem agrupados intertextualmente em grupos antagônicos, mas sim como em um contínuo no qual todas essas possibilidades de ocorrência da intertextualidade se dão simultaneamente.

O autor também destaca que nessas classificações é possível constatar a ausência de critérios mais coerentes para o agrupamento de cada tipo de intertextualidade em uma mesma categoria, uma vez que fenômenos como a citação e a paráfrase (ligados fundamentalmente à forma da intertextualidade) são equiparados a fenômenos como a paródia e o pastiche (relacionados, sobretudo, aos efeitos de sentido produzidos a partir da intertextualidade).

Com o propósito de relacionar a intertextualidade à cognição, Mozdzenski (2009) centra sua análise em textos multissemióticos – em especial, o videoclipe –, a fim de descrever e analisar como os textos videoclípticos dialogam com outros textos multissemióticos. Como as classificações até então existentes poderiam não dar conta de tal análise, numa perspectiva discursivo-cognitiva, o autor postula um novo modelo de análise das relações intertextuais, recorrendo à noção de intericonicidade e às contribuições dos estudos cognitivos e visuais.

A noção de *intericonicidade*, que corresponde a um dialogismo imagético, nas palavras de Mozdzenski (2009), foi proposta por Courtine (2006) que, partindo do princípio de que as imagens constituem a memória visual do sujeito, denomina as relações estabelecidas entre as imagens como “intericonicidade”, ressaltando que, assim como os textos são tecidos de intertextualidade, as imagens são atravessadas por uma intericonicidade.

Arbex (2000) discorre sobre uma interface literatura e pintura, aproximando a noção de intericonicidade à de intertextualidade. Assim como a produção do texto constitui-se de absorção e transformação de outros textos, existindo um caráter “intertextual” entre as obras, ou seja, as obras se constroem como um mosaico de citações (KRISTEVA, 1974), as colagens pictóricas permitem que os signos não linguísticos de vários textos se cruzem: em uma obra, há “a interferência de uma multitude de outras imagens, de um mosaico de imagens” (ARBEX, 2000, p. 6).

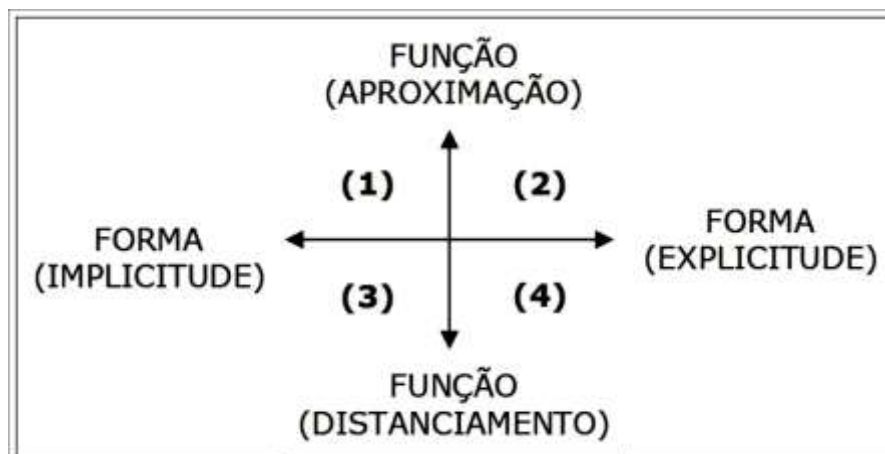
No entanto, essas denominações não podem ser consideradas de maneira dicotômica, ao contrário, Mozdzenski (2009) alia essas duas concepções, aplicando a noção de intericonicidade em suas análises acerca da representação da intertextualidade entre textos multissemióticos, destacando a importância da memória na análise intericônica, bem como o papel relevante da imagem que permite a realização da (re)ativação cognitiva em nossa memória, porque possibilita o retorno de temas e figuras do passado, além de trazer “discursos que estão em outros lugares e que voltam sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrases” (GREGOLIN, 2000, p.22).

A respeito dos aportes teóricos advindos dos estudos cognitivos e visuais, Mozdzenski (2009) faz um apanhado geral dessas duas perspectivas, centrando-se nos aspectos que contribuíram para a construção do modelo de análise da intertextualidade imagética entre os textos multissemióticos. Considerando a perspectiva do cognitivismo, o autor utiliza os conceitos de língua e contexto, que se ampliaram ao longo dos estudos. E recorrendo aos estudos visuais, procura compreender a imagem visual como elemento dos processos de produção de sentido, aliando as noções de cognição, imagem e discurso.

É a partir desses conceitos que o modelo postulado por Mozdzenski (2009), propõe um redimensionamento da concepção de intertextualidade, permitindo compreender como se realizam as relações intertextuais em textos multimodais e como essas contribuem para a construção de sentido do gênero videoclipe, que é essencialmente visual. Por isso, elegemos tal proposta como modelo analítico dos stills constituintes do *corpus* deste trabalho.

O autor, para apresentar esse novo modelo de análise das relações intertextuais, recorre à noção de explicitude, formulada por Marcuschi (2007), e postula que “explicitar significa promover meios de tornar o texto interpretável em contextos de uso a partir da criação de condições de acesso” (MOZDZENSKI, 2009, p.14). Desse modo, cabe ao enunciador oferecer ou não pistas discursivo-cognitivas que possibilitem a interpretação do texto. Essas pistas são oferecidas e identificadas de acordo com os contextos (conhecimentos partilhados, interpretações, propósitos etc.) dos interlocutores.

Em sua proposta, Mozdzenski (2009) enfatiza dois aspectos nos quais a intertextualidade influencia em um texto: a forma e a função, propondo um *continuum* tipológico para cada aspecto. Quanto à forma que a intertextualidade pode assumir em um texto, o autor propõe um *continuum* que apresenta a explicitude e a implicitude presentes em um texto que se constrói a partir de relações intertextuais.



Fonte: Modelo de Mozdzenski (2009).

Considerando o propósito do presente trabalho de analisar textos multimodais, é importante destacar alguns aspectos, especialmente, da linguagem não verbal. Segundo Bakhtin (2006), todos os signos não verbais estão intrinsecamente ligados à palavra, logo não podem ser nem isolados nem separados dela. Todavia, o autor não postula que a palavra possa suplantar qualquer outro signo ideológico, até ressalta que nenhum dos signos ideológicos específicos é inteiramente substituível por palavras, dando como exemplo a impossibilidade de exprimir em palavras, de modo adequado, uma composição musical, uma representação pictórica, um ritual religioso ou até mesmo o mais simples gesto humano. O que autor defende é que embora esses signos não sejam substituíveis por palavras, eles se apoiam nas palavras e são acompanhados por elas.

Para Ferrara (1993) o texto não verbal não pode ser considerado como apenas aquele que não utiliza a palavra como meio de comunicação, nem como um texto exclusivamente visual, mas sim como um texto plurissígnico, uma vez que aglomera sons, cores, traços, tamanhos, texturas, cheiros, envolvendo assim os cinco sentidos sensoriais para a compreensão. Esses signos se unem de forma simultânea, o que exige uma leitura não convencional, não sistematizada; por isso, o não verbal busca no verbal uma organização para a construção de sentidos.

A autora destaca que, diferentemente da leitura verbal, não há como ensinar a leitura do não verbal de forma sistematizada, visto que esta aciona um processo de conhecimento a partir da experiência e do exercício cotidiano da prática, por isso essa leitura depende muito da capacidade associativa e da produção de inferências. Aí entra o conceito de intertextualidade, sobretudo a intertextualidade imagética, que requer do leitor conhecimentos prévios de uma situação em que a imagem constrói a memória discursiva; e possivelmente esse argumento possa amparar a LT em termos de dificuldade de sistematizar seus estudos de textos visuais.

2. RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE *STRANGER THINGS* E *E.T. – O EXTRATERRESTRE*

Para as análises aqui propostas, selecionamos a série *Stranger Things* (ST), produzida pela Netflix, estreada a 15 de julho de 2016; e o filme de Steven Spielberg, *E.T. – O Extraterrestre*, de 1982. O recorte para a construção dessas análises é composto de stills de cada produção, nos quais se observam a retomada do texto-fonte através de elementos imagéticos.

A fim de contextualizar, *Stranger Things*, desde sua estreia, teve ampla audiência, sendo uma das séries mais assistidas da atualidade, com aprovação de 95% no Rotten Tomatoes (site americano especializado em resumos, informações, avaliações e novidades sobre filmes, séries, curtas-metragens e vídeos musicais). A produção traz um combinado de muito do que se difundiu nos anos 1980: cinema, cultura, moda, hábitos, tudo o que a maioria do seu público, jovens adultos de até 35 anos, possivelmente consumiu à época ou os resquícios. As referências são muitas, para uns bastante explícitas, mas para outros também não passam totalmente despercebidas.

Homenageando filmes ícones daquele período, *Stranger Things* consegue retomar imagens de obras como *Firestarter* (Chamas da Vingança, 1984), *The Goonies* (Os Gonnies, 1985), e, especialmente, *E.T. – The Extra-Terrestrial* (E.T. – O Extraterrestre, 1982), relação essa que analisaremos aqui. A história da série que se ambienta nos EUA de 1983 traz personagens carismáticos, infantis, aventureiros e bons companheiros, uma receita já apresentada nas duas últimas citadas produções cinematográficas.

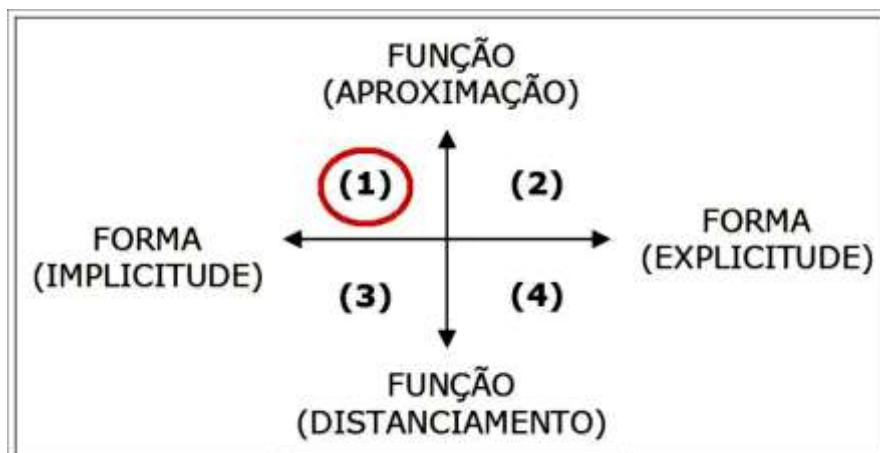
Com um roteiro que atende à sua proposta de trazer à memória as lembranças da década de 1980, *Stranger Things* mantém o suspense até o final da temporada de 8 capítulos, conseguindo prender a atenção do espectador que não quer só entender o desenrolar dos fatos, mas viver as angústias de cada personagem, por cumplicidade e fidelidade a eles.

Para nossas análises é importante destacar uma personagem: Eleven (ou Onze). Ela que surge sem se saber de onde, aparece a um grupo de três amigos que teve de lidar com o desaparecimento de um amigo e tem poderes que podem ser muito perigosos se não usados adequadamente. Com essas características, Eleven se assemelha ao E.T, personagem do filme de Steven Spielberg. Criatura estranha que aparece repentinamente, a qual o grupo de jovens esconde dos adultos; a relação de amizade e fidelidade entre eles é evidente.

Outra semelhança entre as duas personagens é a importância dada a poderes mentais. Enquanto o E.T. consegue estabelecer uma conexão mental com a criança que o encontra,

Eleven tem poderes psicocinéticos e pode manipular objetos e outros seres com o treinamento que recebeu no laboratório em que ficou presa por pelo menos quatro anos.

Com essas informações, constatamos que a construção da identidade da personagem Eleven mantém estreita relação intertextual com a personagem E.T. e com base no modelo de Mozdzenski (2009) apresentado na seção anterior, enquadramos a construção da personagem Eleven assim:



Fonte: Modelo de Mozdzenski (2009).

A partir dessa verificação procedemos (i) à análise das relações intertextuais presentes na constituição dos stills de cenas da série ST e do filme ET, (ii) identificando os elementos (forma/função) que ativam o intertexto em nossa memória.

(1)



Fonte: <http://cochinopop.com/noticias/tv-2/las-referencias-cinematograficas-de-stranger-things-video/>

Em (1) a ação de cada cena acontece da esquerda para a direita e os dois personagens estão à procura de algo. A iluminação é pouca para dar ares de suspense ao quadro. No primeiro still, Will se dirige a uma cabana no quintal para se proteger de um ser estanho que ameaça entrar em sua casa, à noite, onde ele se encontra sozinho. No segundo still, o menino Elliot, motivado pela curiosidade, vai à procura de algo que lhe chama atenção, dirigindo-se também a uma cabana em seu quintal.

Em uma possível correlação entre personagens, não consideramos esses como correspondentes. Elliot é o menino que encontra o E.T.; Mike, em ST, é quem desempenha o papel de dar abrigo a Eleven, não Will, personagem que aparece em (1).

Pelo modo como os participantes representados² aparecem na cena consideramos a forma como explícita. Já a motivação da ida à cabana não é a mesma, por isso, consideraremos a função de distanciamento.

Assim como em (1), percebemos que em (2) é mantida a explicitude da forma e o distanciamento da função. As duas personagens aparecem trajando figurino que não lhes é próprio. No still de ST, Eleven aparece assim para se disfarçar e não ser reconhecida por quem a esteja buscando capturar. No still de ET, a personagem surge com roupas femininas, pois estava brincando com uma criança que a vestiu como a uma boneca.

(2)



Fonte: <http://filmmaker.com.br/2016/11/24/referencias-dos-filmes-dos-anos-80-do-seriado-stranger-things-do-netflix/>

² O conceito de participante representado é advindo da Gramática do Design Visual e designa um ator que aparece na imagem seja para representar a relação entre os objetos e o mundo (metafunção ideacional); projetar produtor e receptor numa relação social particular (metafunção interpessoal); ou ainda defender que qualquer modalidade semiótica pode formar complexos de textos (metafunção textual).

Nos dois stills presentes em (3), Eleven e E.T. aparecem em ambiente escuro e iluminados apenas por uma lanterna. Isso se explica no contexto da cena. Em ST, quem iluminou foram os três amigos à procura de Will, que desaparecera. Em ET, o menino Elliot é quem mantém o primeiro contato com a criatura alienígena.

Imageticamente correlacionadas, as personagens são apresentadas nos stills semelhantemente, mantendo a regularidade da forma até aqui. Quanto à função, há uma ruptura do contexto, pois Eleven não é procurada, ao contrário do E.T.

(3)

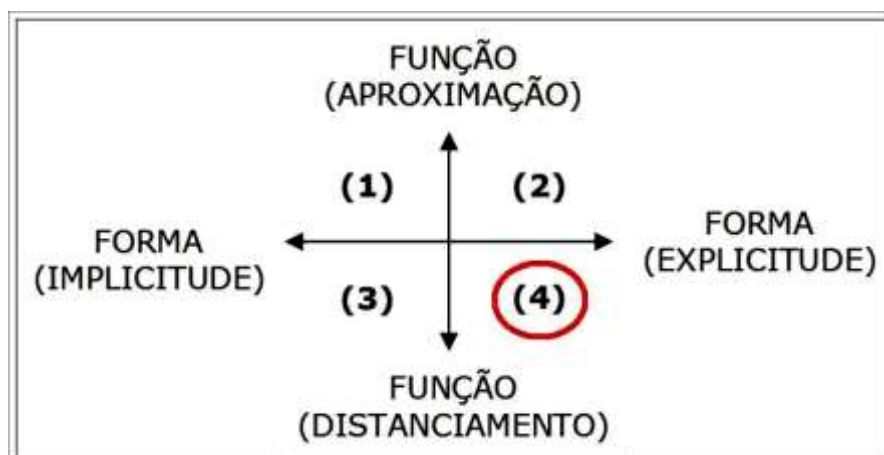


Fonte: <http://filmmaker.com.br/2016/11/24/refencias-dos-filmes-dos-anos-80-do-seriado-stranger-things-do-netflix/>

Em (1), (2) e (3) observamos que o still de ST estabelece, quanto à forma, uma relação intertextual explícita com o still de ET. Porém, é importante ressaltar que classificamos como explícita a relação quanto à forma, partindo do pressuposto de que o interlocutor conheça o texto-fonte e consiga acessar em sua memória tal informação. Caso contrário, a intertextualidade presente nos stills seria implícita para aquele leitor em particular, ou então, não se efetivariam os propósitos comunicativos do produtor, nem mesmo poderia ser considerada como uma relação intertextual, visto que a intertextualidade consiste na presença efetiva de um texto em outro.

Ao aplicarmos o modelo de Mozdzenski (2009), é possível estabelecer duas relações: em primeiro lugar, há explicitude quanto à forma: composição 'fidedigna' dos personagens, do cenário (apesar das devidas adaptações para atender à forma e à função do gênero, bem como o tema) e dos comportamentos dos personagens. E, em segundo lugar, também se observa certa aproximação da voz do texto-fonte – ou, ao menos, do modelo mental que se tem sobre o texto-fonte.

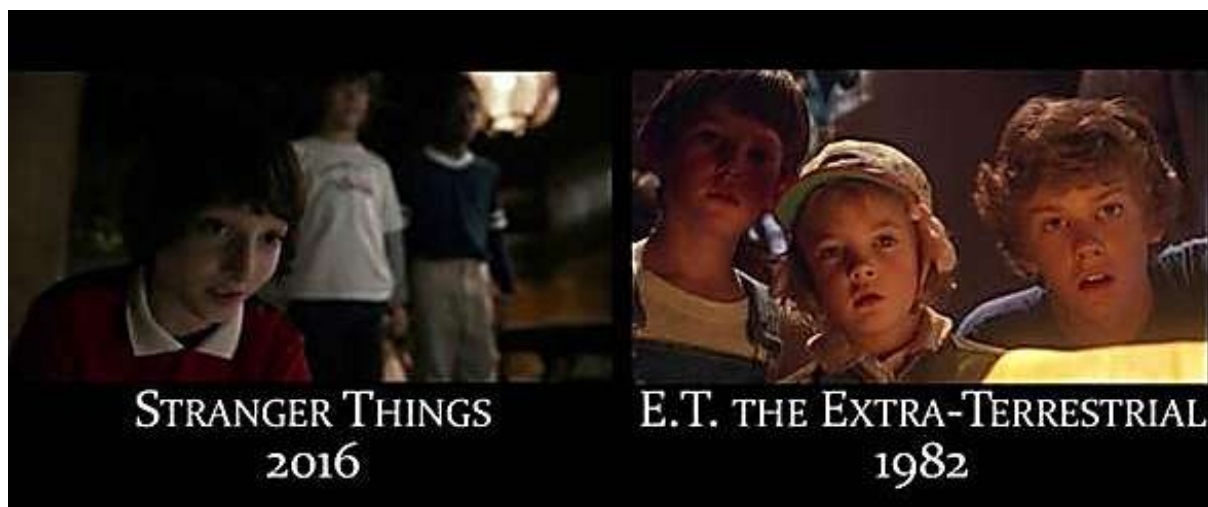
Por isso, é possível constatar, quanto à função, um distanciamento da voz do texto-fonte, por não seguir a orientação argumentativa proposta no texto-fonte. Há entre os dois textos multissemióticos uma visível explicitude intertextual/intericônica quanto à forma, mas um distanciamento da voz do texto-fonte, que é descaracterizada da temática desenvolvida no texto-fonte. Assim, a relação intertextual se situa no quadrante (4) do gráfico de Mozdzenski (2009):



Fonte: Modelo de Mozdzenski (2009).

Segundo o modelo de Mozdzenski (2009), a relação intertextual estabelecida em (4), (5), (6), (7) e (8) quanto à forma é muito próxima bem como nos stills (1), (2) e (3) analisados anteriormente. Assim como há uma autorização da voz do autor do texto-fonte, uma vez que, apesar de apresentar propósitos diferentes, a série mantém a linha narrativa presente no texto original.

(4)



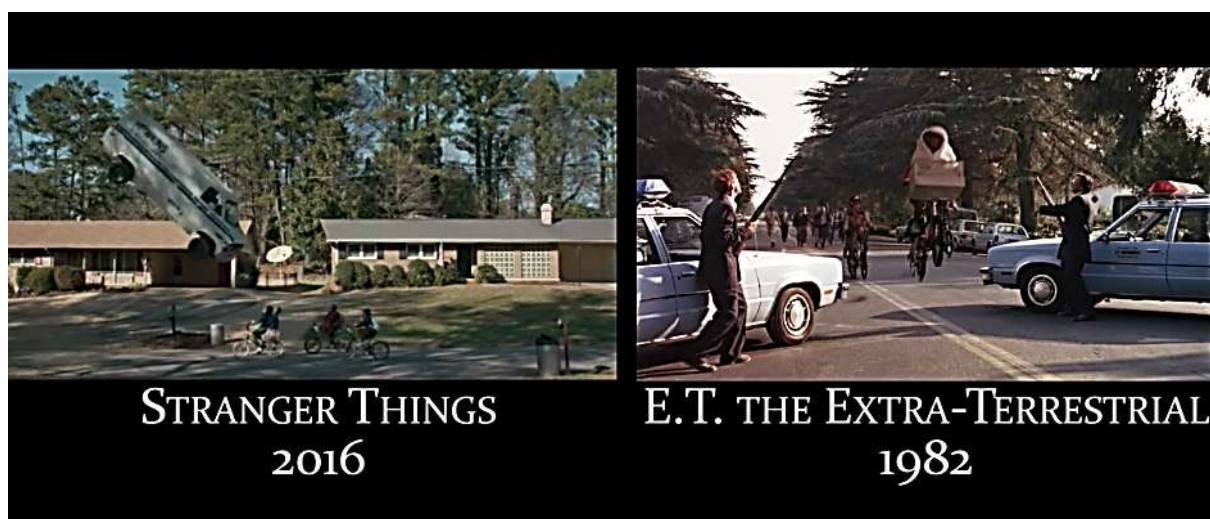
Fonte: <http://www.express.co.uk/showbiz/tv-radio/694086/Stranger-Things-Winona-Ryder-Netflix-ET-Goonies-Alien-Shining>

(5)



Fonte: <http://www.roc21.com/2016/07/28/todas-referencias-stranger-things-peliculas-70s-80s/>

(6)



Fonte: <https://www.inverse.com/article/18852-stranger-things-11-best-70s-and-80s-movie-references>

(7)



Fonte: <https://www.thereelword.net/video-stranger-things-movie-references-280716/>

(8)



Fonte: <https://scarepop.com/2016/07/27/watch-this-supercut-of-all-the-visual-movie-references-in-stranger-things/>

Os elementos não verbais mencionados (o cenário, posições de câmera, iluminação, o direcionamento do olhar das personagens, figurino) construídos por meio de todos os elementos semióticos já descritos que compõem o texto são decisivos para que o leitor acione seus conhecimentos culturais e sociais e possa captar o texto-fonte.

Podemos perceber que o still de ST estabelece, quanto à forma, uma relação intertextual explícita, visto que os personagens possuem características, vestuário, olhares e comportamentos semelhantes. Na história original, E.T. é uma criatura estranha, que chama a atenção das personagens com quem dialoga, como em (4) e (7), bem como Eleven em ST.

Em (4) notamos nas feições dos personagens destacando essa característica de admiração pelo novo. O sentido retratado nos stills é o mesmo tanto em ST como no texto-fonte.

A imagem (6) mostra-nos cenas em que objetos voam. Nos dois stills isso é ocasionado pelos poderes psicocinéticos de Eleven e E.T., respectivamente. A admiração das personagens pelo novo mostra-as diante da televisão com o dedo em riste, em (5). Por fim, em (8), os stills mostram-nos uma fuga para proteger Eleven e o E.T.

Em síntese, desse modo, nesses stills há uma visível explicitude intertextual quanto à forma, observando-se também uma certa aproximação da voz do texto-fonte, embora com as devidas adaptações para o novo texto, bem como uma aproximação da voz do texto-fonte, Por essa razão, os stills de ST se situam no quadrante (2) do gráfico de Mozdzenski (2009):



Fonte: Modelo de Mozdzenski (2009).

É possível constatar uma proximidade quanto à função em (4), (5), (6), (7) e (8), já que há uma autorização da voz do autor do texto-fonte ou uma reafirmação do modelo mental que se tem do texto-fonte, especialmente na construção da identidade da personagem Eleven.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos resultados da análise do *corpus* constituído para este trabalho, constatamos que a constituição semiótica dos textos verbo-visuais pode auxiliar na (re)ativação cognitiva do intertexto na memória do leitor, visto que as imagens podem exercer funções semelhantes aos elementos verbais, ou seja, as imagens podem substituir as expressões nominais na identificação do intertexto, conseqüentemente na construção de sentidos.

Assim, efetivamos a proposta desta pesquisa de perceber o papel da intertextualidade imagética, ou seja, a intertextualidade estabelecida principalmente por imagens, na construção de sentidos da série *Stranger Things*. Da mesma forma, tivemos a comprovação de que a intertextualidade nesse texto pode ser estabelecida através de um processo que envolve elementos imagéticos que se associam ou não a categorias verbais.

Ao término deste artigo, constatamos que os textos produzem significados que extrapolam a sua materialidade estritamente linguística, sendo necessário estabelecer relações com outros textos a fim de construir sentidos a partir dessas relações, que se estabelecem principalmente por meio do recurso da intertextualidade. Um texto traz nele referências explícitas ou implícitas a outros textos, que são determinadas pelo leitor, uma vez que é de fundamental importância que o leitor/ouvinte reconheça a presença do intertexto, porque embora os intertextos sejam quase sempre muito conhecidos pelos interlocutores, a reativação destes não é algo garantido. Por isso, o produtor do texto precisa ser perspicaz para levar o leitor a acessar, em sua memória, as informações necessárias para a compreensão dessa série que exalta a nostalgia aos anos de 1980 trazendo referências da década e buscando de seu espectador a colaboração para a produção de sentidos do texto.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, Márcia. **Intertextualidade e intericonicidade**. In: Oliveira, L. C. V. de; Arbex, M. (orgs.). I Colóquio de Semiótica da UFMG, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/napg/LIVROCOLOQSEM7.doc>>.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de e DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Einführung in die textlinguistik**. Tübingen, Niemeyer, 1981.
- BENTES, Anna Christina, RAMOS, Paulo Eduardo e ALVES FILHO, Francisco. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). **Linguística de texto e Análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 389-428.
- CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne**, v. 12, n. 2, 2010, p. 56-71.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Discours et image: semiologie des messages mixtes** (Descriptifs des séminaires – année 2006-2007). Paris: Université Sorbonne-Nouvelle (Paris 3), 2006. Disponível em: <http://www.cavi.univparis3.fr/ILPGA/ED/DIFLE1_seminaires.html>.
- CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referência**. 2011. 331p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- E.T. - O Extraterrestre. Direção: Steven Spielberg. Produção: Kathleen Kennedy, Steven Spielberg. Universal Pictures, 1982.

- FERRARA, Lucrécia D' Aléssio. **Leitura sem palavras**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1993.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.
- KRESS, G. VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2. ed. Londres, Nova York: Routledge, 2006.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MOZDZENSKI, Leonardo Pinheiro. A intertextualidade no videoclipe: uma abordagem discursiva e imagético-cognitiva. **Contemporânea**. Vol.7, nº 2, 2009. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3679/2879>.
- MOZDZENSKI, Leonardo. Intertextualidade verbo-visual: como os textos multissemióticos dialogam? **Bakhtiniana**, São Paulo, n. 8., v. 2, p. 177-201, Jul./Dez. 2013.
- STRANGER Things. 1ª temporada. Direção: Matt Duffer, Ross Duffer, Shawn Levy. NetFlix, 2016.
- STRANGER THINGS: Season 1. **Rotten Tomatoes**, 2016. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/tv/stranger_things/s01/. Acesso em: 12 jun. 2017.

VANESSA RAQUEL DA COSTA FURTADO

Mestra em Letras (Estudos da Linguagem) pela Universidade Federal do Piauí. Professora da rede municipal de ensino de Teresina e do Instituto Dom Barreto. Email: vanerafortado@hotmail.com

GEYSA DIELE RODRIGUES VIEIRA

Mestra em Letras (Estudos da Linguagem) pela Universidade Federal do Piauí. Professora da rede municipal de ensino de Teresina e do Instituto Dom Barreto. Email: geysadielle@hotmail.com

Enviado em 01/03/2017.

Aceito em 15/04/2017.